

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Viviana Pereira Rodrigues

**A RELAÇÃO ENTRE O NEUROTICISMO
PARENTAL E A REATIVIDADE
NEGATIVA DA CRIANÇA: O PAPEL
MEDIADOR DAS DIFICULDADES DE
REGULAÇÃO EMOCIONAL E DA
PARENTALIDADE CONSCIENTE**

**Dissertação de Mestrado em Intervenções Cognitivo-Comportamentais em
Psicologia Clínica e da Saúde, orientada pela Professora Doutora Helena Teresa da
Cruz Moreira**

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Julho de 2023

Viviana Pereira Rodrigues

**A RELAÇÃO ENTRE O NEUROTICISMO PARENTAL
E A REATIVIDADE NEGATIVA DA CRIANÇA: O
PAPEL MEDIADOR DAS DIFICULDADES DE
REGULAÇÃO EMOCIONAL E DA PARENTALIDADE
CONSCIENTE**

**Dissertação de Mestrado em Intervenções Cognitivo-Comportamentais em Psicologia
Clínica e da Saúde, orientada pela Professora Doutora Helena Teresa da Cruz Moreira**

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Julho 2023

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Agradecimentos

À pessoa mais importante em todo este processo: Professora Doutora Helena. Sem si, a sua ajuda, carinho e profissionalismo nada disto teria sido possível. Obrigada por não desistir de mim e acreditar que eu seria capaz.

À Daniela, “o último tesouro que Coimbra ainda tinha reservado para mim”, que sejas como a saudades e fiques na minha vida para sempre.

Aos meus pais, por simplesmente tudo. Obrigada.

Ao Pedro, por me fazeres abstrair do mundo e focar. Obrigada por todo o apoio e paciência, por ouvires todos os “eu não vou conseguir” e os tornares em “eu consigo fazer isto”.

À minha madrinha, Marlene, que foi a primeira pessoa que eu vi de capa negra, quando eu nem sabia o que isso era, e inconscientemente me fez querer vestir uma.

À Sara, por te sentares silenciosamente ao meu lado enquanto eu escrevia.

Ao Lucas, por seres tu.

E a mim. Obrigada Viviana pela força. Consequiste.

Sumário

Objetivo: o presente estudo teve como objetivo analisar o papel mediador das dificuldades de regulação emocional e da parentalidade consciente na relação entre o neuroticismo parental e a reatividade negativa de crianças em idade escolar. **Método:** a amostra é constituída por 416 pais de crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos. Os pais procederam ao preenchimento de questionários de autorresposta e de heterorresposta. A amostra foi recolhida em diversas escolas públicas do centro de Portugal. Neste estudo foi testado um modelo de mediação sequencial para responder ao objetivo estabelecido. **Resultados:** verificou-se um efeito direto significativo entre o neuroticismo parental e a reatividade negativa da criança, assim como um efeito indireto sequencial (no qual as dificuldades de regulação emocional precedem a parentalidade consciente) e dois efeitos indiretos específicos através de cada mediador. **Conclusão:** a relação entre o neuroticismo parental e a reatividade negativa da criança parece ser, em parte, explicada por uma maior dificuldade dos pais em regular as suas emoções e por uma conseqüente menor capacidade dos mesmos de exercerem uma parentalidade consciente. Sendo estes dois mediadores fatores modificáveis, poderão ser incluídos em programas de promoção de competências parentais dirigidos a pais com tendência para experienciarem níveis mais elevados de afeto negativo, prevenindo, assim, a transmissão intergeracional desta tendência temperamental.

Palavras-chave: neuroticismo parental; reatividade negativa da criança; regulação emocional; parentalidade consciente.

Abstract

Objective: the present study aimed to analyze the mediating role of the difficulties in emotional regulation and the mindful parenting in the relationship between parental neuroticism and negative reactivity in school-aged children. **Method:** the sample consists of 416 parents of children aged between 8 and 12 years. Parents completed self-response and hetero-response questionnaires. The sample was collected from several public schools in central Portugal. In this study, a sequential mediation model was tested to respond to the established objective. **Results:** a significant direct effect was found between parental neuroticism and child negative reactivity, as well as a sequential indirect effect (in which emotion regulation difficulties precedes mindful parenting) and two specific indirect effects through each mediator. **Conclusion:** the relationship between parental neuroticism and the child's negative reactivity seems to be, in part, explained by parents' greater difficulty in regulating their emotions and their consequent lower ability to exercise mindful parenting. Since these two mediators are modifiable factors, they could be included in programs to promote parenting skills aimed at parents who tend to experience higher levels of negative affect, thus preventing the intergenerational transmission of this temperamental tendency.

Keywords: parental neuroticism; child's negative reactivity; emotional regulation; mindful parenting.

Índice

Agradecimentos	3
Sumário	5
Abstract	6
Introdução	8
Neuroticismo Parental	8
Regulação Emocional	9
Parentalidade Consciente	10
Objetivo do estudo	11
Metodologia	12
Participantes	12
Procedimentos	14
Instrumentos de Avaliação	15
Escala de Mindfulness Interpessoal na Parentalidade	15
Subescala de Neuroticismo do Inventário dos Cinco Fatores (NEO-PI-R)	15
Subescala de Reatividade Emocional do Inventário de Temperamento para Crianças em Idade Escolar	16
Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Reduzida	16
Análise de Dados	17
Resultados	18
Análises Preliminares	18
Análises de Mediação	19
Discussão	21
Limitações e Conclusões	22
Referências	24

Introdução

A reatividade negativa da criança é uma característica temperamental que consiste numa maior tendência da criança para reagir a estímulos stressantes com elevados níveis de afeto negativo e numa dificuldade acrescida em se acalmar quando está emocionalmente ativada (Rothbart, 2011). Alguns autores têm sugerido que esta característica temperamental se assemelha ao fator de personalidade neuroticismo (Rothbart et al., 1994). Crianças com elevados níveis de neuroticismo ou reatividade negativa são descritas como nervosas, stressadas, facilmente assustadas, com baixa autoestima, com tendência para se auto culpabilizarem e inseguras sobre o relacionamento com outras pessoas (Shiner & Caspi, 2003). A investigação tem mostrado que níveis elevados de reatividade emocional negativa têm um impacto significativo no desenvolvimento de diversas formas de psicopatologia (Carthy et al., 2010; McLaughlin et al., 2010; Schneiders et al., 2006; Shiner & Caspi, 2003). Assim, ainda que a reatividade emocional negativa seja considerada uma característica temperamental, é importante compreender que fatores, particularmente que fatores parentais, poderão contribuir para a exacerbação ou diminuição da manifestação da mesma.

Neuroticismo Parental

Em qualquer relação pais-filhos, as características da personalidade dos pais e as características da personalidade dos filhos influenciam-se mutuamente (Moreira et al., 2021). Por exemplo, a investigação tem mostrado que existe uma forte tendência para filhos de pais que experienciam mais intensa e frequentemente afeto negativo (i.e., níveis mais elevados de neuroticismo) apresentarem níveis elevados de reatividade emocional negativa (Alvarenga et al., 2012; Buodo et al., 2013; Morgan et al., 2005; Tharner et al., 2012). O neuroticismo (ou afeto negativo) é definido por Barlow et al. (2014) como uma tendência para experienciar emoções negativas associadas a uma sensação de coping inadequado em resposta a situações de stress. De acordo com este autor, o afeto negativo é um construto transdiagnóstico que parece estar na base de todas as perturbações emocionais – termo que o autor usa para se referir a perturbações de ansiedade e de humor. Eysenck (1947) e McCrae e Costa (1987) definiram o neuroticismo como uma característica temperamental básica da personalidade, ou seja, da forma como uma pessoa se comporta, pensa e sente de maneira consistente. Algumas emoções negativas que podem traduzir o neuroticismo são, por exemplo, a ansiedade, a irritabilidade, o medo, a raiva e a tristeza (Barlow et al., 2014), sendo estas frequentemente acompanhadas por crenças de que o mundo é um lugar perigoso e de que não é possível controlar eventos difíceis,

muito menos ter a capacidade de lidar com os mesmos (Barlow 2002; Clark e Watson 2008; Eysenck 1947).

Assim, é expectável que pais com níveis mais elevados de neuroticismo tenham filhos com níveis mais elevados de reatividade emocional. Contudo, a relação entre o neuroticismo parental e a reatividade emocional dos filhos poderá não ser direta, podendo existir fatores que medeiam esta relação, como características individuais e do ambiente familiar e social (Alvarenga et al., 2012; Buodo et al., 2013; Tharner et al., 2012). No presente estudo será explorado o possível papel mediador da regulação emocional dos pais e de uma abordagem parental consciente.

Regulação Emocional

De acordo com Gross (1998), a regulação emocional consiste “nos processos através dos quais os indivíduos influenciam que emoções têm, quando as têm e como experienciam e e expressam essas emoções” (p. 275). É um processo contínuo, passando pela regulação emocional consciente (com esforço e voluntariamente controlada) até à regulação emocional inconsciente (sem esforço e automática; Gross, 1998; Shiffrin & Schneider, 1977). Vários estudos mostram que uma regulação emocional disfuncional está associada a diversas perturbações emocionais, como a Perturbação Depressão Major ou a Perturbação de Ansiedade Generalizada (Aldao et al., 2010; Gross, 2015; Berking & Wupperman, 2012; Kring & Sloan, 2009), caracterizadas por elevados níveis de neuroticismo. Assim, o neuroticismo parece ser um fator importante na determinação da capacidade de regulação emocional do indivíduo, uma vez que a expressão inadequada das emoções pode ter consequências graves no bem-estar geral do indivíduo (Aldao et al., 2010; Gross, 1998).

A maneira como os pais regulam as próprias emoções pode determinar as suas avaliações da situação e o impacto dessas emoções no seu comportamento parental (e.g., percepção e reação exagerada do comportamento do filho; Xiao et al., 2018). Este processo regulador de emoções pode estar comprometido em indivíduos que possuem níveis mais elevados de neuroticismo, podendo levar a comportamentos impulsivos ou desadaptativos que agravam as emoções sentidas (Costa & McCrae, 1980). Por exemplo, de acordo com Costa e McCrae (1980), indivíduos altamente neuróticos podem estar mais propensos a experienciar emoções negativas intensas, limitando a sua capacidade de lidar com situações desafiantes e stressantes. Esta dificuldade em regular emoções pode também prejudicar as interações sociais, gerando conflitos.

Vários estudos têm evidenciado a importância da autorregulação emocional na relação pais-filhos (e.g., Cumberland-Li et al., 2003; Fonseca et al., 2020; Xiao et al., 2018), pois esta influencia a capacidade dos pais regularem as suas emoções e comportamentos de uma forma promotora de uma resposta empática e atenta às necessidades da criança, mesmo na presença de stress parental. Uma maior capacidade de regulação emocional parental tem-se mostrado associada a resultados positivos de desenvolvimento das crianças e a comportamentos parentais mais positivos (Cumberland-Li, et al., 2003). Paralelamente, a investigação tem sugerido que uma maior capacidade de regulação emocional parental, níveis mais elevados de parentalidade consciente e uma baixa emocionalidade negativa proporcionam comportamentos parentais mais positivos, um melhor desenvolvimento da criança e, conseqüente, um maior bem-estar da mesma (Cumberland-Li et al., 2003; Medeiros et al., 2016).

Parentalidade Consciente

A comunidade científica tem vindo a salientar a importante relação entre a forma como os pais exercem a parentalidade e o temperamento das crianças. Paralelamente, vários estudos têm mostrado que o bem-estar psicológico dos pais tem um grande impacto nos estilos educativos adotados pelos mesmos (Santos, 2013; Fonseca et al., 2020) e que estes são importantes indicadores da qualidade da parentalidade, bem como do comportamento dos filhos (Santos, 2013; Santos, 2015).

A parentalidade consciente pode ser definida como uma abordagem parental caracterizada pela atenção plena e pela compaixão na relação entre pais e filhos (Kabat-Zinn & Kabat-Zinn, 1997), englobando três componentes essenciais: o mindfulness, a compaixão e a autorregulação (Moreira, 2023). Segundo Duncan et al. (2009), a parentalidade consciente abrange cinco dimensões que se inter-relacionam: (1) ouvir a criança com total atenção; (2) aceitar-se a si enquanto figura parental e à criança com as suas características e comportamentos sem julgamento; (3) ter consciência emocional de si mesmo e da criança, sendo capaz de identificar corretamente as emoções de ambos; (4) ter a capacidade de se autorregular na relação parental; e (5) ter compaixão para consigo mesmo e para com a criança. Quando a parentalidade consciente é aplicada, os pais tornam-se mais conscientes do seu próprio estado e dos estados internos da criança nas interações com as mesmas (por exemplo, ao brincarem, falarem e cuidarem delas), do mesmo modo que atendem às suas necessidades de forma sensível e responsiva (Duncan et al., 2009). A parentalidade consciente consiste também numa maior autorregulação emocional e comportamental nas interações com a criança. Através de uma maior autorregulação emocional, os pais são mais capazes de identificar

corretamente as emoções dos filhos, de serem menos reativos e impulsivos perante situações de maior stress e de responderem mais adequadamente às suas necessidades (Moreira et al., 2021).

Ao adotarem uma abordagem consciente nas interações com os filhos, os pais tornam-se menos reativos em situações de stress parental, dando metaforicamente “um passo atrás” e observando a sua experiência parental, de modo a conseguirem vê-la no momento presente e dentro do contexto de relacionamento a longo prazo com os seus filhos, ao invés de reagirem automaticamente (Duncan et al., 2009; Mourão et al., 2023). Duncan et al. (2009) explicam que pais que se tornam mais conscientes através da prática da atenção plena e da parentalidade consciente são mais capazes de proporcionarem um contexto familiar mais satisfatório, prazeroso e com mais tempo de qualidade, ao mesmo tempo que são mais capazes de gerir e diminuir comportamentos desadaptativos por parte dos filhos.

As práticas e comportamentos parentais exercidas através de uma abordagem consciente e compassiva desempenham um papel essencial no desenvolvimento de estratégias de regulação emocional por parte da criança (Eisenberg et al., 1998; Moreira, 2023; Morris et al., 2007). Adicionalmente, a investigação tem demonstrado que a prática da parentalidade consciente, especialmente as dimensões de ouvir com atenção e a compaixão pela criança, promove a saúde psicológica da criança (Moreira et al., 2018; Medeiros et al., 2016).

Objetivo do Estudo

O presente estudo pretende investigar se níveis mais elevados de neuroticismo parental estão associados a níveis mais elevados de reatividade emocional negativa da criança através de dois mecanismos mediadores, nomeadamente as dificuldades de regulação emocional e a parentalidade consciente.

Metodologia

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 416 pais (84.4% do sexo feminino) de crianças entre os 6 e os 13 anos ($M = 8.85$, $DP = 1.78$). A descrição detalhada das características sociodemográficas da amostra encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1*Dados sociodemográficos*

Pais	N = 415
Sexo <i>n</i> (%)	
Feminino	350 (84.4%)
Masculino	65 (15.7%)
Idade (anos) <i>M (DP)</i> ; mín-máx	41.06 (5.17); 23-64
Estado Civil <i>n</i> (%)	
Casado/a	325 (78.1%)
Unido/a de facto	40 (9.6%)
Solteiro/a	12 (2.9%)
Divorciado/a	35 (8.4%)
Viúvo/a	4 (1.0%)
Coabitação com companheiro/a <i>n</i> (%)	
Sim	370 (89.2%)
Não	45 (10.8%)
Nº de filhos <i>M (DP)</i> ; mín-máx	1.86 (0.68); 1-6
Área de residência <i>n</i> (%)	
Meio urbano	261 (63.8%)
Meio rural	148 (36.2%)
Situação profissional <i>n</i> (%)	
Empregado/a	362 (87.7%)
Não empregado/a (desempregado/a, reformado/a, doméstica/o)	51, (12.3%)
Escolaridade <i>n</i> (%)	
Até ao ensino secundário	162 (39.1%)
Estudos universitários	252 (60.7%)
Filhos	N = 416
Sexo <i>n</i> (%)	
Feminino	213 (51.2%)
Masculino	203 (48.8%)
Idade (anos) <i>M (DP)</i> ; mín-máx	8.85 (1.78); 6-13
Presença de psicopatologia <i>n</i> (%)	
Nenhuma	366 (88.0%)
Ansiedade	20 (4.8%)
PHDA	25 (6.0%)
Autismo	2 (0.5%)
Outro	3 (0.7%)

Acompanhamento psicológico <i>n</i> (%)	
Sim	47 (11.3%)
Não	364 (87.5%)

Procedimentos

A amostra para este estudo foi previamente recolhida em seis escolas públicas do centro de Portugal, entre os meses de dezembro de 2019 e março de 2020. Os critérios de inclusão consistiram em ser mãe ou pai de uma criança entre os 8 e os 12 anos sem deficiência cognitiva ou qualquer dificuldade de aprendizagem cuja gravidade pudesse impedir a compreensão dos itens dos questionários. As informações sociodemográficas das crianças foram reportadas pelos pais ou representantes legais da criança. Estes, receberam o protocolo de avaliação e informação detalhada acerca do estudo através de uma carta enviada para casa que continha o formulário de consentimento informado e informação acerca do estudo, dos procedimentos de recolha dos dados, dos objetivos e do carácter voluntário da sua participação. As crianças cujos pais autorizaram a sua participação, através da devolução do formulário de consentimento informado assinado, e que assentiram a sua própria participação, preencheram o protocolo de avaliação na sala de aula, na presença de um investigador. Os pais/representantes legais preencheram os questionários em casa.

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto I&D “Protocolo Unificado para o tratamento transdiagnóstico das perturbações emocionais das crianças (PU-C): Estudo multicêntrico para avaliar a aceitabilidade, viabilidade e eficácia da versão combinada do programa em Portugal” [PTDC/PSI-GER/0689/2020]. Este projeto recebeu parecer positivo da Comissão de Ética e Deontologia da Investigação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e foi aprovado pelas Direções dos Agrupamentos Escolares que participaram no estudo. Todos os procedimentos envolvidos tiveram em conta os padrões éticos subjacentes à investigação humana (e.g., Declaração de Helsínquia e Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses). Todos os dados manter-se-ão confidenciais e anonimizados de acordo com os regulamentos e leis aplicáveis e a informação recolhida será utilizada estritamente para fins de investigação.

Instrumentos de Avaliação

Escala de Mindfulness Interpessoal na Parentalidade

O instrumento de avaliação utilizado para avaliar a parentalidade consciente foi a versão portuguesa da Escala de Mindfulness Interpessoal na Parentalidade (IM-P; Duncan et al, 2009; Moreira & Canavarro, 2017). Este instrumento consiste em 29 itens cotados numa escala de tipo Likert de cinco pontos, desde 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*), e está organizado em 5 subescalas: 1. Aceitação Não Ajuizadora do Funcionamento Parental (e.g., “Em alturas realmente difíceis com o meu filho, costumo culpar-me a mim próprio”); 2. Autorregulação na Relação Parental (e.g., “Quando o meu filho se porta mal, fico tão aborrecido que digo ou faço coisas de que me arrependo mais tarde”); 3. Compaixão pela Criança (e.g., “Tento compreender o ponto de vista do meu filho, mesmo quando as opiniões dele não fazem sentido para mim”); 4. Escutar com Atenção Plena (e.g., “Eu presto muita atenção ao meu filho quando estamos juntos ”); 5. Consciência Emocional da Criança (e.g., “É fácil para mim perceber quando o meu filho está preocupado com alguma coisa”). Níveis mais elevados em cada subescala e na pontuação total indicam níveis mais elevados de parentalidade consciente.

Na versão portuguesa do IM-P, foi encontrado um valor adequado de alfa de Cronbach na escala total ($\alpha = .89$). No presente estudo, o alpha de Cronbach foi de .85.

Subescala de Neuroticismo do Inventário dos Cinco Fatores

Para avaliar o neuroticismo parental foi utilizada a subescala de Neuroticismo da versão portuguesa reduzida do Inventário dos Cinco Fatores (NEO-PI-R; Costa & Mc Crae, 1989; de Lima et al, 2014). Esta versão é constituída por 60 itens (12 por dimensão), tendo sido administrados os 12 itens correspondentes à dimensão do Neuroticismo. Os itens desta escala são cotados numa escala de Likert de cinco pontos, desde 0 (*discordo fortemente*) a 4 (*concordo fortemente*; e.g. “Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas”). Níveis mais elevados indicam níveis mais elevados de neuroticismo.

Na versão Portuguesa do NEO-PI-R, a subescala Neuroticismo apresentou um valor adequado de consistência interna (alfa de Cronbach = .81). No presente estudo, o alpha de Cronbach foi de .86.

Subescala de Reatividade Emocional do Inventário de Temperamento para Crianças em Idade Escolar

Para avaliar a reatividade negativa das crianças foi utilizada a subescala de Reatividade Negativa do Inventário de Temperamento para Crianças em Idade Escolar (SATI; McClowry, 1995; Lima et al, 2010). Esta subescala é composta por 12 itens (e.g. “Fica zangado/a quando implicam com ele/a”) avaliados numa escala do tipo Likert de cinco pontos, desde 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*) e avalia a intensidade e frequência com que a criança expressa afeto negativo.

Foram verificados valores adequados de alfa de Cronbach na subescala de Reatividade Negativa ($\alpha = .87$). No presente estudo, o alpha de Cronbach foi de .82.

Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Reduzida

O instrumento utilizado para avaliar as dificuldades de regulação emocional foi a Escala de Dificuldades na Regulação Emocional – Versão Reduzida (EDRE-VR; Kaufman et al, 2015; Moreira et al, 2020). A versão Portuguesa é constituída por 18 itens, cotados numa escala de resposta de tipo Likert de cinco pontos, desde 1 (*quase nunca*) a 5 (*quase sempre*), distribuídos por seis dimensões: 1. Falta de Consciência Emocional (e.g. “Presto atenção a como me sinto”); 2. Não Aceitação das Respostas Emocionais (e.g. “Quando estou chateado(a), sinto-me culpado(a) por me sentir assim”); 3. Dificuldades em Agir de Acordo com os Objetivos (e.g. “Quando estou chateado(a), tenho dificuldade em concentrar-me”); 4. Acesso Limitado às Estratégias de Regulação Emocional (e.g. “Quando estou chateado(a), demoro muito tempo até me sentir melhor”); 5. Dificuldade no Controlo dos Impulsos (e.g. “Quando estou chateado(a), fico fora de controlo”); e 6. Falta de Clareza Emocional (e.g. “Estou confuso(a) sobre como me sinto”). No presente estudo apenas foi utilizada a pontuação total da escala.

Nesta versão reduzida, foram encontrados valores adequados de consistência interna ($\alpha = .93$). No presente estudo, o alpha de Cronbach foi de .85.

Análise de Dados

As análises de dados foram realizadas através do Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS, versão 26.0; IBM SPSS, Chicago, IL) e da ferramenta PROCESS (Hayes, 2013).

Calcularam-se as estatísticas descritivas para todas as variáveis sociodemográficas e para todas as variáveis do estudo. Foram também calculadas as correlações bivariadas de Pearson entre as variáveis do estudo. Para identificar possíveis covariáveis a serem introduzidas no modelo de mediação, foram ainda calculadas correlações bivariadas de Pearson entre algumas variáveis sociodemográficas e o mediador e a variável dependente. Para descrever e interpretar os tamanhos do efeito das correlações foram usadas as diretrizes de Cohen (1988), segundo as quais, são consideradas fracas as correlações próximas de .10, moderadas as correlações próximas .30 e fortes as correlações de .50 ou superiores.

Para testar a hipótese de que neuroticismo parental estava associado à reatividade negativa da criança indiretamente através das dificuldades de regulação emocional e da parentalidade consciente, foi estimado um modelo de mediação sequencial (modelo 6, Hayes, 2018), no qual o Neuroticismo Parental era a variável independente, as Dificuldades de Regulação Emocional (M1) e a Parentalidade Consciente (M2) os mediadores e Reatividade Negativa da Criança a variável dependente. Os efeitos indiretos foram calculados utilizando um procedimento de *bootstrapping* (com 5000 amostras), que cria intervalos de confiança de 95% dos efeitos indiretos. Um efeito indireto foi considerado significativo se o zero não estivesse contido no intervalo de confiança.

Resultados

Análises Preliminares

Com o objetivo de se identificarem potenciais variáveis a controlar no modelo de mediação sequencial, foram analisadas as correlações bivariadas de Pearson entre algumas variáveis sociodemográficas (idade dos pais, sexo, estado civil, situação profissional, escolaridade e presença de psicopatologia nos pais, número de filhos, idade das crianças, e acompanhamento psicológico da criança no momento atual), as variáveis mediadoras e a variável dependente. Foram encontradas correlações positivas e significativas entre as Dificuldades de Regulação Emocional e a situação profissional, entre as Dificuldades de Regulação Emocional e a presença de psicopatologia nos pais e entre as Dificuldades de Regulação Emocional e o facto dos filhos terem acompanhamento psicológico. Foram também encontradas correlações negativas e significativas entre as Dificuldades de Regulação Emocional e a escolaridade dos pais, entre a Parentalidade Consciente e a presença de psicopatologia nos pais e entre a Parentalidade Consciente e o facto dos filhos terem acompanhamento psicológico. Assim, a situação profissional, a escolaridade dos pais, a presença de psicopatologia nos pais e facto dos filhos terem ou não acompanhamento psicológico foram introduzidas como covariáveis no modelo de mediação. As estatísticas descritivas e as correlações bivariadas de Pearson calculadas entre as variáveis em estudo e as covariáveis estão apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2

Estatísticas Descritivas e Correlações entre as Variáveis em Estudo e as Covariáveis

	<i>M (DP)</i>	Mín- Máx	Situação Profissional	Escolaridade Pais	Psicopatologia Pais	Acompanhamento Psicológico Filhos
1. Neuroticismo Parental	20.54 (8.60)	0-45	-	-	-	-
2. Dificuldades de Regulação Emocional	1.98 (0.68)	1-4.8	.24**	-.22**	-.21**	.12**
3. Parentalidade Consciente	107.55 (11.41)	55-136	-.10	.08	-.16**	-.15**
4. Reatividade Negativa da Criança	2.21 (0.57)	1.5-4.4	.09	-.18**	.15**	.25**

Nota. Situação profissional dos pais: 0 = empregado, 1 = desempregado, reformado ou doméstico; Escolaridade dos pais: 0 = até ao ensino secundário, 1 = ensino superior; Psicopatologia nos pais: 0 = não reporta nenhum problema psicológico, 1 = reporta algum problema psicológico; Acompanhamento psicológico do filho: 0 = não, 1 = sim.

Análises de Mediação

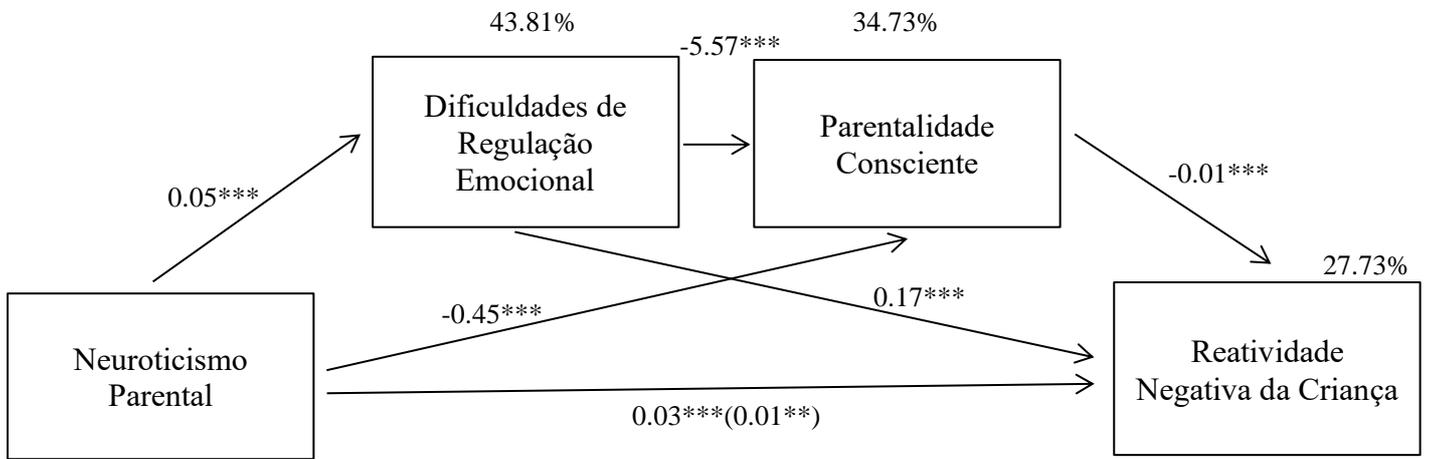
Tal como é apresentado na Figura 1, verificou-se que existe uma relação positiva e significativa entre o Neuroticismo Parental e as Dificuldades de Regulação Emocional ($b = 0.05$, $SE = 0.00$, $p < .057$, 95% IC = [0.044, 0.057]), num modelo que explica 43.81% da variância das Dificuldades de Regulação Emocional, $F(4, 400) = 62.38$, $p < .001$. O Neuroticismo Parental mostrou-se negativa e significativamente associado com a Parentalidade Consciente ($b = -0.45$, $SE = 0.08$, $p < .000$, 95% IC = [-0.583, -0.285]). Adicionalmente, observou-se uma relação negativa e significativa entre as Dificuldades de Regulação Emocional e a Parentalidade Consciente ($b = -5.57$, $SE = 0.91$, $p < .000$, 95% IC = [-7.450, -3.880]), num modelo que explica 34.73% da variância da Parentalidade Consciente $F(6, 399) = 35.87$, $p < .001$. Verificou-se ainda uma relação positiva e significativa entre as Dificuldades de Regulação Emocional e a Reatividade Negativa da criança ($b = 0.17$, $SE = 0.05$, $p < .001$, 95% IC = [0.079, 0.274]) e uma relação negativa e significativa entre a Parentalidade Consciente e a Reatividade Negativa da criança ($b = 0.01$, $SE = 0.00$, $p < .001$, 95% IC = [-0.014, -0.004]), num modelo sequencial que explica 27.73% da variância da Reatividade Negativa da criança $F(7, 398) = 21.82$, $p < .001$.

Tanto o efeito total ($b = 0.03$, $SE = 0.00$, $p < .001$, 95% IC = [0.019, 0.032]), como o efeito direto ($b = 0.01$, $SE = 0.00$, $p < .001$, 95% IC = [0.003, 0.019]) do Neuroticismo Parental na Reatividade Negativa da criança foram significativos.

Por fim, os três efeitos indiretos mostraram-se significativos, nomeadamente, o efeito indireto do Neuroticismo Parental na Reatividade Negativa da criança através das Dificuldades de Regulação Emocional (efeito = 0.009, 95% IC = [0.003, 0.014]), o efeito indireto sequencial do Neuroticismo Parental na Reatividade Negativa da criança através das Dificuldades de Regulação Emocional e da Parentalidade Consciente (efeito = 0.002, 95% IC = [0.001, 0.004]), e o efeito indireto do Neuroticismo Parental na Reatividade Negativa da criança através da Parentalidade Consciente (efeito = 0.004, 95% IC = [0.001, 0.007]).

Figura 1

Modelo de Mediação Sequencial



Discussão

O presente estudo procurou explorar o papel mediador das dificuldades de regulação emocional e da parentalidade consciente na relação entre o neuroticismo parental e a reatividade negativa de crianças em idade escolar.

Como esperado, verificou-se um efeito direto significativo do neuroticismo parental na reatividade negativa da criança, resultado que sugere que pais que apresentam níveis mais elevados de neuroticismo parental tendem a ter filhos que expressam de forma mais intensa e frequente afeto negativo. Estes resultados são congruentes com a literatura, que destaca a tendência para filhos de pais que experienciam afeto negativo apresentarem também uma elevada reatividade emocional negativa (Alvarenga et al., 2012; Buodo et al., 2013; Morgan et al., 2005; Tharner et al., 2012; Kochanska et al., 1997). Os nossos resultados sugerem que esta relação pode ser explicada por dois importantes fatores: uma maior dificuldade em regular as emoções em situações que despoletam emoções negativas e, conseqüentemente, uma maior dificuldade em adotar uma abordagem consciente na parentalidade.

Relativamente à relação entre o neuroticismo parental e as dificuldades de regulação emocional, os resultados sugerem que pais com níveis mais elevados de neuroticismo parental poderão ter mais dificuldades em regular as suas emoções, um resultado que é congruente com vários estudos anteriores (Yap et al., 2007; Scammell, 2019; Cole & Hall, 2008; Ellenbogen & Hodgins, 2004; Morelen et al., 2016). Uma vez que o neuroticismo está associado a uma maior instabilidade emocional e à experiência mais frequente e intensa de estados emocionais negativos (e.g., Cole & Hall, 2008; Belsky & Woodworth, 1995; Miller & Pilkonis, 2006; O'Connor, 1951; Lavee & Bem-Ari, 2004), as dificuldades de regulação emocional por parte dos pais poderão ser o reflexo de níveis mais elevados de neuroticismo parental (Grist & McCord, 2010; Rothbart et al., 2000).

O facto de os pais terem maiores dificuldades em regular as suas emoções poderá comprometer a sua capacidade de adotar uma abordagem consciente na forma como exerce a sua parentalidade (Duncan et al., 2009; Mourão et al., 2023), tal como verificámos no presente estudo. Numa figura parental, a regulação emocional reflete-se nos mais diferentes momentos do quotidiano, como nas palavras e ações (i.e., saber o que fazer e dizer nos momentos certos), na linguagem corporal (e.g., expressão facial) e no tom de voz (Deater-Deckard et al., 2012; Kochanska et al., 1997). Considerando que a tendência para experienciar emoções negativas (i.e., neuroticismo) poderá estar associada à utilização de estratégias de coping inadequadas

em resposta a situações de stress (Barlow et al., 2014) e, sabendo que, numa relação pais-filhos são inúmeras as situações potencialmente causadoras de stress (Deater-Deckard & Panneton, 2017; Crnic & Greenberg, 1990; Conrad, 2011; Achtergarde et al., 2015), compreende-se que pais com maior dificuldade em regular as suas emoções apresentem uma maior dificuldade em momentos normativamente causadores de stress (e.g., quando a criança faz uma birra, quando existem quebras na rotina, muito barulho, ou problemas de sono; Russel et al., 2022; Deater-Deckard et al., 2012; Sanders et al., 2019) e, conseqüentemente, uma maior dificuldade em adotar uma abordagem consciente na parentalidade. Uma vez “desregulados”, os pais poderão ter comportamentos impulsivos e desadaptativos perante e com os filhos, levando-os a reagir mais negativamente. Tal poderá resultar numa intensificação das emoções negativas experienciadas pelos pais (e.g., frustração, raiva) e na perpetuação de práticas parentais negativas (e.g. impulsividade, hostilidade) para com os filhos, podendo criar-se um ciclo vicioso (Sanders et al., 2015; Kiel & Buss, 2010; Morris et al., 2007).

Por fim, verificámos ainda uma relação negativa e significativa entre a parentalidade consciente e a reatividade negativa da criança, resultados que reforçam a ideia de que a capacidade dos pais exercerem uma parentalidade consciente e atenta ao momento presente com os filhos, poderá contribuir para a diminuição de comportamentos reativos por parte das crianças, como por exemplo, para a diminuição de reações negativas a estímulos stressantes e para uma maior capacidade de se acalmarem e autorregularem quando estão emocionalmente ativadas (Rothbart, 2011). É possível que os pais mais conscientes, uma vez que têm uma maior capacidade de regular as suas próprias emoções, sejam mais capazes de ensinar e modular estratégias mais adaptativas de regulação emocional aos seus filhos, contribuindo, assim, para comportamentos menos reativos por parte dos mesmos (Meyer et al., 2014). É vasta a literatura que mostra que pais mais conscientes são pais mais autorregulados, menos reativos e impulsivos perante situações de maior stress, e têm uma maior capacidade de responder às necessidades dos filhos, com compaixão pelos mesmos e por si próprios (Moreira et al., 2021; Gouveia et al., 2016; Duncan et al., 2009; Coplan et al., 2009).

Limitações e Conclusões

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar os resultados. Em primeiro lugar, no que toca à representatividade da amostra, esta é maioritariamente constituída por mães, comprometendo a generalização dos resultados para os pais. Torna-se relevante que em futuras investigações se analisem as relações estudadas com

uma amostra mais equivalente de pais e mães para que os resultados sejam generalizáveis. Segundo, o uso exclusivo de instrumentos de autorresposta pelo método papel e lápis poderá comprometer a validade dos resultados, uma vez que podem existir fatores de desejabilidade social, levando a que os resultados não reflitam exatamente o que os participantes sentem e pensam. Em estudos seria interessante utilizar também outros métodos, como entrevistas clínicas ou observação das interações pais-filhos, para uma maior fiabilidade e validade dos resultados.

Não obstante as limitações apresentadas, o presente estudo representa um contributo pertinente e inovador no contexto da investigação da parentalidade. Tanto quanto é do nosso conhecimento, esta é a primeira investigação que procura perceber o papel mediador das dificuldades de regulação emocional e da parentalidade consciente na relação entre o neuroticismo parental e a reatividade negativa de crianças em idade escolar. Os resultados deste estudo permitem compreender a importância do papel da parentalidade consciente, bem como da importância da regulação emocional parental de forma a desenvolver e estimular regulação emocional por parte da criança. Em suma, os resultados do presente estudo são congruentes com as hipóteses colocadas e, de forma geral, realçam a importância de continuar a investir na saúde mental parental, bem como no desenvolvimento de programas parentais que promovam a regulação emocional e uma parentalidade mais consciente. Estes programas poderão ser particularmente úteis para pais com tendência a experienciarem afeto negativo, por forma a conseguirem aprender e modular estratégias de regulação emocional adaptativa, para que os seus filhos sejam menos reativos, mais saudáveis e felizes.

Apesar do contributo do nosso estudo, é necessário continuar a investigar os possíveis mecanismos que expliquem a relação entre o neuroticismo parental e a reatividade emocional dos filhos, com o objetivo de desenvolver intervenções mais eficazes para ajudar as famílias a lidar com problemas emocionais, como o stress, a ansiedade e a desregulação emocional.

Referências

- Achtergarde, S., Postert, C., Wessing, I., Romer, G., & Müller, J. M. (2015). Parenting and child mental health: Influences of parent personality, child temperament, and their interaction. *The Family Journal*, 23(2), 167-179. <https://doi.org/10.1177/1066480714564316>
- Aldao, A., Nolen-Hoeksema, S., & Schweizer, S. (2010). Emotion-regulation strategies across psychopathology: A meta-analytic review. *Clinical psychology review*, 30(2), 217-237. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2009.11.004>
- Alvarenga, P., de Oliveira, J. M., & Lins, T. (2012). O impacto da depressão materna nos problemas internalizantes de pré-escolares. *Aletheia*, (38-39). 10.29327/226091
- Barlow, D. H. (2002). Anxiety and its disorders: *The nature and treatment of anxiety and panic* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Barlow, D. H., Ellard, K. K., Sauer-Zavala, S., Bullis, J. R., & Carl, J. R. (2014). The origins of neuroticism. *Perspectives on Psychological Science*, 9(5), 481-496. <https://doi.org/10.1177/1745691614544528>
- Belsky, J., Crnic, K., & Woodworth, S. (1995). Personality and parenting: Exploring the mediating role of transient mood and daily hassles. *Journal of personality*, 63(4), 905-929. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1995.tb00320.x>
- Berking, M., & Wupperman, P. (2012). Emotion regulation and mental health: recent findings, current challenges, and future directions. *Current opinion in psychiatry*, 25(2), 128-134. 10.1097/YCO.0b013e3283503669
- Buodo, G., Moscardino, U., Scrimin, S., Altoè, G., & Palomba, D. (2013). Parenting stress and externalizing behavior symptoms in children: The impact of emotional reactivity. *Child Psychiatry & Human Development*, 44(6), 786-797. <https://doi.org/10.1007/s10578-013-0371-0>
- Carthy, T., Horesh, N., Apter, A., & Gross, J. J. (2010). Patterns of emotional reactivity and regulation in children with anxiety disorders. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 32(1), 23-36. <https://doi.org/10.1007/s10862-009-9167-8>
- Clark, L. A., & Watson, D. (2008). Temperament: An organizing paradigm for trait psychology. In O. P. John, R. R. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed.). New York, NY: Guilford Press.

- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cole, P. M., & Hall, S. E. (2008). Emotion dysregulation as a risk factor for psychopathology.
- Conrad, C. D. (Ed.). (2011). *The handbook of stress: Neuropsychological effects on the brain* (Vol. 3). John Wiley & Sons.
- Coplan, R. J., Reichel, M., & Rowan, K. (2009). Exploring the associations between maternal personality, child temperament, and parenting: A focus on emotions. *Personality and individual differences*, 46(2), 241-246. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.10.011>
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: happy and unhappy people. *Journal of personality and social psychology*, 38(4), 668. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.4.668>
- Costa P.T., & Mc Crae, R.R. (1989). *The NEO PI Manual Supplement*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Crnic, K. A., & Greenberg, M. T. (1990). Minor parenting stresses with young children. *Child development*, 61(5), 1628-1637. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1990.tb02889.x>
- Cumberland-Li, A., Eisenberg, N., Champion, C., Gershoff, E., & Fabes, R. A. (2003). The relation of parental emotionality and related dispositional traits to parental expression of emotion and children's social functioning. *Motivation and emotion*, 27(1), 27-56. <https://doi.org/10.1023/A:1023674308969>
- Deater-Deckard, K., & Panneton, R. (2017). Parental stress and coping. In A. Sameroff (Ed.), *The transactional model of development: How children and contexts shape each other* (pp. 109–126). American Psychological Association.
- Deater-Deckard, K., Wang, Z., Chen, N., & Bell, M. A. (2012). Maternal executive function, harsh parenting, and child conduct problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(10), 1084-1091. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2012.02582.x>
- de Lima, M. P., Gonçalves, E., Salgueira, A., Gonzalez, A. J., Costa, J. J., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Psicologia*, 28(2), 1-10. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427405>

- Duncan, L. G., Coatsworth, J. D., & Greenberg, M. T. (2009). A model of mindful parenting: Implications for parent–child relationships and prevention research. *Clinical child and family psychology review*, *12*(3), 255-270. <https://doi.org/10.1007/s10567-009-0046-3>
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, *9*(4), 241–273. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1
- Ellenbogen, M. A., & Hodgins, S. (2004). The impact of high neuroticism in parents on children's psychosocial functioning in a population at high risk for major affective disorder: A family–environmental pathway of intergenerational risk. *Development and psychopathology*, *16*(1), 113-136. <https://doi.org/10.1017/S0954579404044438>
- Eysenck, H. J. (1947). *Dimensions of personality*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Fonseca, A., Moreira, H., & Canavarro, M. C. (2020). Uncovering the links between parenting stress and parenting styles: The role of psychological flexibility within parenting and global psychological flexibility. *Journal of contextual behavioral science*, *18*, 59-67. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.08.004>
- Gouveia, M. J., Carona, C., Canavarro, M. C., & Moreira, H. (2016). Self-compassion and dispositional mindfulness are associated with parenting styles and parenting stress: The mediating role of mindful parenting. *Mindfulness*, *7*(3), 700-712. <https://doi.org/10.1007/s12671-016-0507-y>
- Gross, James J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, *2*(3), 271–299. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.2.3.271>
- Gross, J. J. (2015). Emotion regulation: Current status and future prospects. *Psychological inquiry*, *26*(1), 1-26. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.940781>
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: a regression-based approach*. New York: The Guilford Press.
- Kabat-Zinn, J., & Kabat-Zinn, M. (1997). *Everyday blessings: The inner work of mindful parenting*. New York: Hyperion.
- Kaufman, E. A., Xia, M., Fosco, G., Yaptangco, M., Skidmore, C. R., & Crowell, S. E. (2015). The difficulties in emotion regulation scale short form (DERS-SF): Validation and replication in adolescent and adult samples. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *38*(3), 443–455. <https://doi.org/10.1007/s10862-015-9529-3>.

- Kiel, E. J., & Buss, K. A. (2010). Maternal accuracy and behavior in anticipating children's responses to novelty: Relations to fearful temperament and implications for anxiety development. *Social Development, 19*(2), 304-325. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2009.00538.x>
- Kim, K. J., Conger, R. D., Lorenz, F. O., & Elder Jr, G. H. (2001). Parent–adolescent reciprocity in negative affect and its relation to early adult social development. *Developmental psychology, 37*(6), 775. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.37.6.775>
- Kring, A. M., & Sloan, D. M. (Eds.). (2009). *Emotion regulation and psychopathology: A transdiagnostic approach to etiology and treatment*. Guilford Press.
- Kochanska, G., Lee Clark, A., & Goldman, M. S. (1997). Implications of mothers' personality for their parenting and their young children's developmental outcomes. *Journal of personality, 65*(2), 387-420. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1997.tb00959.x>
- Lavee, Y., & Ben-Ari, A. (2004). Emotional expressiveness and neuroticism: Do they predict marital quality?. *Journal of Family Psychology, 18*(4), 620. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.4.620>
- Lima, L., de Lemos, M. S., & Guerra, M. P. (2010). Adaptação do inventário de temperamento para crianças em idade escolar: school-age temperament inventory-SATI de McClowry a uma população portuguesa. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26556/2/85984.pdf>
- Medeiros, C., Gouveia, M. J., Canavarro, M. C., & Moreira, H. (2016). The indirect effect of the mindful parenting of mothers and fathers on the child's perceived well-being through the child's attachment to parents. *Mindfulness, 7* (4), 916-927. <https://doi.org/10.1007/s12671-016-0530-z>
- Meyer, S., Raikes, H. A., Virmani, E. A., Waters, S., & Thompson, R. A. (2014). Parent emotion representations and the socialization of emotion regulation in the family. *International Journal of Behavioral Development, 38*(2), 164-173. <https://doi.org/10.1177/0165025413519014>
- McClowry, S. G. (1995). The development of the School-Age Temperament Inventory. *Merril Palmer Quarterly, 41*(3), 271-285.

- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1987). Validation of the five-factor model of personality across instruments and observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(1), 81–90. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.1.81>.
- McLaughlin, K. A., Kubzansky, L. D., Dunn, E. C., Waldinger, R., Vaillant, G., & Koenen, K. C. (2010). Childhood social environment, emotional reactivity to stress, and mood and anxiety disorders across the life course. *Depression and anxiety*, 27(12), 1087-1094. <https://doi.org/10.1002/da.20762>
- Miller, J. D., & Pilkonis, P. A. (2006). Neuroticism and affective instability: the same or different?. *American Journal of Psychiatry*, 163(5), 839-845.
- Moreira, H. (2023). Self-Compassion in Parenting. In Finlay-Jones, A., Bluth, K., & Neff, K. (Eds.), *Handbook of Self-Compassion* (pp.263-289). Springer.
- Moreira, H., Caiado, B., & Canavarro, M. C. (2021). Is mindful parenting a mechanism that links parents' and children's tendency to experience negative affect to overprotective and supportive behaviors?. *Mindfulness*, 12(2), 319-333. <https://doi.org/10.1007/s12671-020-01468-6>
- Moreira, H., & Canavarro, M. C. (2017). Psychometric properties of the Interpersonal Mindfulness in Parenting Scale in a sample of Portuguese mothers. *Mindfulness*, 8 (3), 691-706. <https://doi.org/10.1007/s12671-016-0647-0>
- Moreira, H., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2018). Is mindful parenting associated with adolescents' well-being in early and middle/late adolescence? The mediating role of adolescents' attachment representations, self-compassion and mindfulness. *Journal of Youth and Adolescence*, 47(8), 1771–1788. <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0808-7>
- Moreira, H., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2020). A bifactor analysis of the Difficulties in Emotion Regulation Scale - Short Form (DERS-SF) in a sample of adolescents and adults. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00602-5>
- Morelen, D., Shaffer, A., & Suveg, C. (2016). Maternal emotion regulation: Links to emotion parenting and child emotion regulation. *Journal of Family Issues*, 37(13), 1891-1916. <https://doi.org/10.1177/0192513X14546720>
- Morgan, J., Robinson, D., & Aldridge, J. (2005). Parenting stress and externalizing child behavior. *Social work diagnosis in contemporary practice*, 61, 1998-2019.

- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development, 16*(2), 361–388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>
- Mourão, D., Fonseca, A., & Moreira, H. (2023). Psychopathology and Mindful Parenting in Parents of Preschool and School-Aged Children: The Role of Supportive Coparenting. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 20*(2), p. 1238. <https://doi.org/10.3390/ijerph20021238>
- Rothbart, M. K. (2011). *Becoming who we are: Temperament and personality in development*. New York: Guilford.
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., & Evans, D. E. (2000). Temperament and personality: origins and outcomes. *Journal of personality and social psychology, 78*(1), 122. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.1.122>
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., & Hershey, K. L. (1994). Temperament and social behavior in childhood. *Merrill-Palmer Quarterly, 40*(1), 21–39.
- Sanders, M. R., Turner, K. M., & Metzler, C. W. (2019). Applying self-regulation principles in the delivery of parenting interventions. *Clinical child and family psychology review, 22*, 24-42. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00287-z>
- Sanders, W., Zeman, J., Poon, J., & Miller, R. (2015). Child regulation of negative emotions and depressive symptoms: The moderating role of parental emotion socialization. *Journal of Child and Family Studies, 24*, 402-415. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9850-y>
- Santos, C. G. (2013). *Contextualizando os estilos parentais na idade pré-escolar: variáveis individuais e familiares* (Unpublished Doctoral dissertation). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Santos, I. F. T. V. (2015). *Temperamento da criança, práticas parentais e adaptação da criança: estudo exploratório com crianças do pré-escolar* (Unpublished Doctoral dissertation). Universidade de Lisboa, Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/23133>
- Scammell, J. L. (2019). *Emotion regulation and social competence in middle childhood: The role of parental emotional competence, personality, and emotion socialization beliefs, attitudes, and practices* (Doctoral dissertation, University of Windsor (Canada)).

- Schneiders, J., Nicolson, N. A., Berkhof, J., Feron, F. J., van Os, J., & deVries, M. W. (2006). Mood reactivity to daily negative events in early adolescence: Relationship to risk for psychopathology. *Developmental Psychology*, 42(3), 543–554. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.3.543>
- Shiner, R., & Caspi, A. (2003). Personality differences in childhood and adolescence: Measurement, development, and consequences. *Journal of child psychology and psychiatry*, 44(1), 2-32. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00101>
- Tharner, A., Luijk, M. P., van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Jaddoe, V. W., Hofman, A., ... & Tiemeier, H. (2012). Infant attachment, parenting stress, and child emotional and behavioral problems at age 3 years. *Parenting*, 12(4), 261-281. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.709150>
- Xiao, S. X., Spinrad, T. L., & Carter, D. B. (2018). Parental emotion regulation and preschoolers' prosocial behavior: The mediating roles of parental warmth and inductive discipline. *The Journal of Genetic Psychology*, 179(5), 246-255. <https://doi.org/10.1080/00221325.2018.1495611>
- Yap, M. B., Allen, N. B., & Sheeber, L. (2007). Using an emotion regulation framework to understand the role of temperament and family processes in risk for adolescent depressive disorders. *Clinical child and family psychology review*, 10, 180-196. <https://doi.org/10.1007/s10567-006-0014-0>